

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA



SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA

Outubro/Dezembro - ANO 1968 NÚMERO 20

O Mundo Subdesenvolvido

E A SOCIEDADE
PÓS-INDUSTRIAL

Pinto Ferreira

1 As regiões subdesenvolvidas, seus traços culturais e materiais. — O mundo das regiões subdesenvolvidas tem características próprias. Os seus traços culturais, técnicos, sociais e econômicos, o seu estilo de vida, as suas instituições apresentam aspectos individuantes. Há assim critérios que permitem distinguir imediatamente uma sociedade desenvolvida e uma região subdesenvolvida.

As diferenças são bem nítidas entre os dois mundos, principalmente no sentido de que o poder da ciência, do saber, das inovações tecnológicas, aplicadas ao progresso industrial, mostram mapas culturais diversos. A fim de evitar o perigo de um distanciamento profundo entre os dois mundos, há todo um desafio, que é o desafio do desenvolvimento, para que as civilizações respondam às necessidades existentes nos tempos atuais.

Entretanto, como se disse, o mundo subdesenvolvido apresenta traços de estrutura e organização, de baixa renda e insuficiente industrialização, de poder anárquico político ou totalitário, de insuficiente economia alimentar, de explosões demográficas, tipos especiais de organização técnica e econômica, caracteres de ordem cultural e social, condições de desenvolvimento especiais, desnível entre o poder das nações subdesenvolvidas e o das nações desenvolvidas, todo um conjunto de caracteres que se especifica e se concretiza de um modo particular.

A paisagem sócio-cultural dos países subdesenvolvidos apresenta, por conseguinte, uma peculiaridade e uma configuração própria, cabendo ao sociólogo e ao economista observá-la e estudá-la dentro de um ponto de vista crítico.

2. A baixa renda dos países subdesenvolvidos. — O modo mais comum de classificar os países subdesenvolvidos consiste em mostrar a sua baixa renda. A maioria dos ditos países tem uma renda inferior a 100 dólares norte-americanos. Assim a maioria dos países da África, um grande número de nações asiáticas como a Índia, o Ceilão, o Paquistão, a Birmânia, a Tailândia, as Filipinas, o Iraque, muitos países da América Latina, como o Equador, o Paraguai e a Bolívia.

Esta diferença de renda *per capita* é bem nítida. A respeito são interessantes as elucidações feitas pelo "Instituto Hudson", organização fundada recentemente e perto de Nova Iorque, que classificou, em 1967, pela ordem decrescente da renda *per capita* as nove primeiras potências mundiais: Estados Unidos, Suécia, Canadá, Alemanha, Grã-Bretanha, França, União Soviética, Itália e Japão. A renda *per capita* atual dos Estados Unidos é de 3.600 dólares, cerca de 1.800 dólares na Europa Ocidental, 1.000 dólares na União Soviética.

Este quantum difere profundamente das nações subdesenvolvidas, que com dificuldade atingem 200 dólares de renda *per capita*.

Segundo a "Agência para o Desenvolvimento Internacional", órgão da ONU, que não deve ser confundido com a USAID, é a seguinte a taxa de crescimento e de renda (ou riqueza) de alguns dos países do mundo:

Pais	Taxa de Crescimento 1960/1966	PNB p/Habitante	Crescimento da Renda Anual
Estados Unidos	3,4%	3.840	130
Suécia	—	3.100	—
França	3,8%	2.060	78

Noruega	4,5%	2.020	91
Alemanha Ocidental ...	3,3%	2.010	72
Inglaterra	2,2%	1.910	42
Itália	4,3%	1.180	51
Israel	4,5%	1.160	52
Japão	8,3%	970	80
Espanha	7,7%	770	60
Grécia	8,3%	690	57
Portugal	5,8%	430	25

A taxa de crescimento anual da economia é o grande fator de aferição do desenvolvimento: "A necessidade de mantermo-nos acima dos 4% de crescimento anual tornou-se um imperativo político de primeira ordem. Tem o dom da simplicidade e uma vantagem inédita no universo político: traduz-se em números. Abaixo de 4% é o fracasso, acima é o sucesso". É o que escreve Jean Boissonat, em seu estudo "A Política das Rendas" (*La Politique des Revenus*).

3. **Os subdesenvolvidos.** — Nem todos os países subdesenvolvidos se encontram na mesma situação. Alguns têm uma economia em plena expansão, no polo oposto há nações que regredem economicamente.

Os subdesenvolvidos podem destarte ser agrupados em 4 categorias importantes:

- a) **países de forte desenvolvimento.** Entre êles se inclui principalmente a China, com uma taxa de crescimento da produção industrial de 13% ao ano (entre 1950 e 1959);
- b) **países de fraco desenvolvimento.** Trata-se de nôvo tipo com processo fraco de expansão, entre êles se incluindo: Peru, com 3,4% de crescimento no período de 1960/68 e renda de 267 dólares em 1966; Malásia, com 3,1% de crescimento e renda de 290 dólares; Iraque, com 3,1% de crescimento e renda de 266 dólares; Paquistão, com 2,9% de crescimento e renda de 87 dólares; México, com 2,7% de crescimento e renda de 427 dólares;
- c) **países em estagnação.** Já outras nações que se incluem no mundo do subdesenvolvimento se encontram em plena estagnação, como sejam: Tunísia, com taxa de crescimento de 2,4% no período de 1960/66 e renda de 175 dólares em 1966; Turquia, com 2,4% de crescimento e renda de 233 dólares; Chile, com 2,1% de taxa de crescimento e renda de 474 dólares; Venezuela, com 1,6% de taxa de crescimento e renda de 797 dólares; Brasil, com taxa de 1,1% e renda de 175 dólares; Índia, com taxa de 1,1% e renda de 81 dólares; Argentina, com taxa de 1% e renda de 541 dólares;
- d) **países em regressão.** Enfim, vêm os países subdesenvolvidos em fase de regressão, como a Birmânia que teve uma taxa de crescimento de 0,1% no mesmo período de 1960/1966 e renda de 72

dólares por habitante em 1966; Gana, com taxa de crescimento de 0,9% e renda de 219 dólares; Marrocos, com taxa de 0,5% e renda de 172 dólares; Ceilão, com taxa de crescimento de 0,4% e renda de 139 dólares.

Vê-se, assim, que há também diferenças no grau de expansão dos subdesenvolvidos. Um desses colossos, a China, apresenta um futuro gigantesco, dois outros colossos, o Brasil e a Índia se encontram presentemente em estagnação.

4. **O Brasil no ano 2.000.** — A brecha entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos tende a aumentar progressivamente. É um caráter de ordem relacional pôsto em relêvo pelos sociólogos, como Balandier e Gunnar Myrdal. Acentuam-se as disparidades entre ambos.

É o que acontece marcadamente no Brasil, para dêle se ter uma visão prospectiva para o futuro. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, em retrospecto feito em 1967, o Brasil tem um crescimento econômico de 4 a 5% ao ano, mas o aumento da população atinge a cêrca de 3,1 a 3,4 por cento. Interferem, então, os argumentos malthusianos para os atuais países subdesenvolvidos.

Bem o assinalou Myrdal: "A teoria da população de Malthus tornou-se novamente relevante. É claro que grande parte das populações desses países (refere-se aos subdesenvolvidos) vive em nível de subsistência malthusiano, em que qualquer melhoria potencial nos níveis de vida enfrenta o perigo de ser devorada pelo aumento populacional" (in "Teoria Econômica e regiões subdesenvolvidas" — Rio — 1968 — pág. 177).

Assim, na realidade, com a sua explosão demográfica acentuada, a elevação do nível de renda do Brasil é ilusória, passando apenas de 112 dólares em 1949 para 175 dólares em 1967.

Este problema das disparidades entre os dois mundos foi ainda acentuado por Herman Cahn no livro "O ano 2.000" (*The Year 2.000*). Para o Brasil atingir o atual nível de renda dos Estados Unidos, de 3.840 dólares *per capita*, necessitará de 130 anos, por volta do ano 2.100. Mas nesta época, onde estarão os Estados Unidos?

O Brasil assim será ainda mais pobre no ano 2.000. Neste ano, no limiar do século, de acôrdo com os cálculos feitos, o nosso País será o sexto em progresso na América Latina, depois do México, Argentina, Venezuela, Chile e Colômbia.

Se as coisas assim acontecerem, como tais prospecções indicam, o Brasil ocupará o 86.º lugar no mundo, em situação bem pouco lisonjeira, abaixo de Chipre, do Gabão (que é independente há menos de 10 anos), da Guiana Holandesa e da Martinica, que é uma colônia francesa.

Para ultrapassar a barreira do subdesenvolvimento, cada país necessita ter uma taxa de crescimento de 4% ao ano, devorando assim o perigo malthusiano dos explosivos demográficos. O Brasil, na realidade, tem-no de cêrca de 1,1% ao ano, em relação com os seus efetivos demográficos. Não ultrapassará assim tão cedo as temíveis barreiras.

É de agregar ainda como peso secular a sua situação de endividamento, os **deficits** sucessivos, o **deficit** externo de 205 milhões de dólares em 1967, afora o **deficit** interno, em que o Governo conseguiu uma arrecadação de NCr\$ 6.803 milhões, mas teve uma despesa de NCr\$ 8.028 milhões. Para cobrir tais **deficits** recorre ao sistema tradicional: endividar-se ainda mais no plano externo, emitindo mais no plano interno, numa perigosa aventura emisionista desde os últimos anos, sem precedentes na história financeira nacional.

Tais problemas foram ventilados largamente em nossos estudos intitulados "A Inflação" (Rio, 1967, 2.^a edição, José Konfino) e "Capitais Estrangeiros e Dívida Externa do Brasil" (São Paulo, 1965).

Esta situação mereceu um reparo crítico amargo de João Pinheiro Neto, em seu "Panorama Econômico" (Rio, Última Hora, edição de 1-4-68): "Estamos às portas do ano 2.000. Lá chegaremos de carro de boi, descalços e de enxada na mão. É possível que a tecnocracia cabocla, no **debut** do século próximo, quanto maior fôr a alegria e mais intenso o foguetório, pasme o mundo com a mágica do orçamento equilibrado, da moeda sadia e das divisas abundantes acumuladas. E se isto conseguir, o que é de resto pouco provável."

5. **A sociedade pós-industrial.** — Autores recentes têm popularizado um termo novo da sociologia econômica, que é o de **sociedade pós-industrial**. Esta expressão foi utilizada por Daniel Bell em seu livro *The Reforming of General Education*, por Herman Kahn e ainda por Jean-Jacques Servan-Schreiber, em sua obra "O Desafio Americano" (Rio, 1968).

A sociologia e a economia discutem o futuro do mundo e de organização econômica da sociedade. Marx fala da sociedade sem classes (*klassenlose Gesellschaft*) como o final da evolução e do desenvolvimento, Stalin alude a uma próxima etapa da sociedade com classes não-antagônicas, Spencer fala de um estado industrial, Rostow (ex-assessor do Presidente Kennedy) afirma em seu livro "Etapas do Desenvolvimento Econômico" a próxima realização de uma sociedade de consumo em massa e do bem-estar social, ao passo que Daniel Bell, Kahn do Instituto Hudson e Servan-Schreiber se referem a uma **sociedade pós-industrial**, no seu esquema de catalogação dos países nos próximos anos.

O quadro abaixo de Herman Kahn cataloga os seguintes tipos de sociedades, de acordo com o seu nível de renda **per capita**:

	Per capita
Pré-industrial	De 50 a 200 dólares
Em processo de industrialização	De 200 a 600 dólares
Industrial	De 600 a 1.500 dólares
Industrial avançada (sociedade de consumo) ..	De 1.500 a 4.000 dólares
Pós-industrial	De 4.000 a 20.000 dólares

Os Estados Unidos, a Europa Ocidental e os países escandinavos se encontram na fase da sociedade industrial avançada. A URSS na fase da sociedade industrial, com cerca de 1.000 dólares de renda **per capita**. O

Brasil com 175 dólares de renda *per capita* ainda se encontra na fase pré-industrial, de acôrdo com as tabelas de Kahn.

O aludido Instituto Hudson procura fazer uma prospecção do futuro do mundo, quanto ao grau de riqueza e de pobreza, por volta dos próximos 30 anos, de acôrdo com a sua taxa atual de crescimento.

Serão na época reputadas como sociedades **pós-industriais**: os Estados Unidos (com uma renda provável de 7.500 dólares), o Japão, o Canadá e os países escandinavos.

Farão parte das chamadas sociedades industriais: Europa Ocidental, União Soviética, Austrália, Nova Zelândia, Alemanha Oriental, Polônia e Tcheco-Eslôvákua.

Entre as sociedades de consumo se encontrarão as seguintes: México, Argentina, Venezuela, Chile, Colômbia, Coréia do Sul, Malásia, Formosa e os demais países da Europa.

Os grandes colossos do Oriente (China e Índia), quase todo o conjunto das nações latino-americanas, a África negra, o mundo árabe ainda estarão na época, segundo as previsões do dito Instituto, na fase pré-industrial.

O Brasil mal atingirá a fase industrial.

A fase mais avançada do esquema, segundo os aludidos estudos, é a da sociedade **pós-industrial**, com a renda *per capita* acima de 4.000 dólares, da qual atualmente se aproximam os Estados Unidos.

Segundo Bell e Kahn, em resumo do assunto feito por Servan-Schreiber, são as seguintes as principais características dessas novas sociedades industriais:

“A renda industrial será cinquenta vêzes superior, aproximadamente, à do período pré-industrial.

A maioria das atividades econômicas terá abandonado os setores primário (agricultura) e secundário (produção industrial) para passar ao terciário e quaternário (setores de serviços).

As *empresas* privadas terão deixado de ser a fonte principal da reação técnica e científica.

As leis do mercado desempenharão, sem dúvida, um papel inferior ao do setor público e dos fundos sociais.

O conjunto da indústria deverá ser comandado pela cibernética.

O principal fator de progresso residirá no sistema de educação e na inovação tecnológica colocada a seu serviço.

Os fatores de tempo e espaço não desempenharão mais um papel importante nos problemas de comunicação.

A defasagem, numa sociedade pós-industrial, entre as rendas elevadas e as rendas baixas, será inferior à que hoje conhecemos na sociedade industrial.”

O assunto também foi ventilado e abordado com mestria na obra de J. K. Galbraith, com o título “O Novo Estado Industrial” (*The New Industrial State*).

7. **A pobreza do século XX.** — Os sociólogos e economistas de renome da atualidade, entre eles, Balandier no estudo "Sociologia das Regiões Subdesenvolvidas" (no *Tratado de Sociologia*, publicado sob a direção de Georges Curvitch, Paris, 2 vols., 1958, 1, pág. 336), mostram como o grau de pobreza e disparidade entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos tende a crescer ainda mais.

Não diminuem as disparidades internacionais, tendem antes a agravar-se.

Escreve Balandier:

"Segundo os serviços estatísticos das Nações Unidas, os países desenvolvidos não estão somente muito avançados, mas estão em vias de ganhar em avanço. A disparidade dos níveis de vida se acentua em lugar de se apagar. Um só exemplo o mostra: em 1938, o nível de vida é 15 vezes mais elevado nos Estados Unidos do que na Índia; em 1952, é 35 vezes mais."

São os dados da XXI.^a Sessão do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas.

O mesmo tema foi abordado por outra autoridade mundial, Gunnar Myrdal, salientando que os países industrializados são os que se estão industrializando mais, ao passo que, em diversos países subdesenvolvidos, a sua renda média chegou mesmo a retroceder. Afirma ele, "que, de modo geral, nas últimas décadas, as desigualdades econômicas entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos têm aumentado", como assinala no livro "Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas" (Rio, 1968, pág. 23).

Novos e indestrutíveis exemplos podem ser mencionados: todos os países da América Latina juntos têm um PNB de 77 bilhões de dólares, muito inferior aos 585 bilhões de dólares dos Estados Unidos (ano de 1966).

Qualquer uma das grandes nações européias (Inglaterra, França, Itália), isoladamente, tem um PNB maior do que o conjunto das nações africanas.

Enquanto isto, a riqueza dos grandes povos industrializados se consolida. A revista *Fortune* afirma que 10 milhões de famílias tinham renda superior a 10.000 dólares em 1959, mas que este número ascendeu a 21 milhões no ano passado e ascenderá a 75 milhões em 1975.

Quanto à pirâmide de renda dos EUA, em 1965, cerca de 25% de suas famílias ganhavam mais de 10.000 dólares.

Somente nos países desenvolvidos as grandes empresas comerciais têm um grande volume de negócios. O último resultado mensurável, em 1966, sobre 87 empresas com volumes de negócios acima de 1 bilhão de dólares, só 60 são dos Estados Unidos, 12 são alemães, 6 inglesas, 3 holandesas, 2 japonesas, 2 francesas, 1 italiana e 1 suíça.

Na química, na eletrônica e na automobilística, as empresas que ultrapassam o volume de negócios acima de 3 bilhões a mais são norte-americanas, a saber: a General Motors com 20.700.000 dólares, a Ford com 11.500.000 dólares, a General Electric com 6.210.000, a Chrysler com 5.300.000, a IBM com 3.570.000, a Western Electric com 3.360.000 e a Du Pont de Nemours

com 3.020.000. Nenhuma empresa européia, o que assinala o **technological gap** entre os Estados Unidos e a Europa.

Estas disparidades internacionais tendem a consolidar-se e não a desaparecer. Até hoje, os 132 países que se reuniram na 2.^a Conferência Mundial do Desenvolvimento, na Índia, não chegaram a um acôrdo sôbre o modo de eliminá-las.

8. **Os neo-malthusianos e a geografia da fome.** — Na atualidade, cresceu o prestígio de Malthus. Os neo-malthusianos ganharam fôrça, para assinalar o drama do crescimento populacional dos países subdesenvolvidos, que é, em certos pontos, uma ameaça ao seu desenvolvimento.

Nos países subdesenvolvidos, a população cresce em desproporção com o aumento dos meios de subsistência. Daí uma fome natural, eis que as economias alimentares não são suficientes para atender a êste aumento anual expressivo da população do terceiro mundo, como é chamado o mundo das regiões subdesenvolvidas.

A população dos velhos países da Europa permaneceu relativamente estável, ou pelo menos, não aumenta senão com um ritmo muito pequeno. O contrário é o que ocorre nas nações subdesenvolvidas.

De acôrdo com os dados divulgados por **The Economist**, em 1967/68 a população mundial cresceu com a taxa de 2,5% para a América Latina, 2,5% no sul da Ásia, 2,2% na África, 1,4% no leste asiático, 1,3% na URSS, 1,1% na Oceânia, 1% na Europa e na América do Norte. Vê-se assim que os países mais industrializados apresentam uma menor taxa de crescimento populacional, ao passo que nos países agrários e subdesenvolvidos a taxa do aumento da população tende a devorar o ritmo do crescimento, se êste não fôr demasiado alto e expressivo.

Daí a necessidade proclamada por algumas teorias de limitar esta taxa natural de crescimento. Mas, se em alguns dêsses países, a tese pode parecer útil, como na China, que é um formigueiro humano, em outros é uma ameaça à segurança nacional. É o caso do Brasil: regiões ainda permanecem ao abrigo da missão civilizadora do homem, como a Amazônia, daí a necessidade de povoá-la, para evitar a cobiça estrangeira e futuros conflitos internacionais.

É o que ocorre com a ocupação de terras no Brasil por estrangeiros. Assim, de acôrdo com os dados da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), da qual é Relator o Deputado Haroldo Veloso, da Câmara dos Deputados, já vai a 20.000.000 de hectares de terras o total comprado por estrangeiros na Amazônia, e mais outros 20.000.000 de hectares foram adquiridos por grupos externos, de modo disfarçado, com escrituras em nome de nacionais, para evitar a ação das autoridades. O Deputado Gabino Kruschewsky, considerado o melhor do ano pela imprensa baiana, comenta que mais de um têrço das terras do seu Estado, a Bahia, foram negociadas à margem esquerda do São Francisco, nas mãos de "poderosos grupos econômicos dos Estados Unidos". Há assim para certos países, como o Brasil, uma necessidade imediata de povoação das suas regiões mais distantes, à base do aumento populacional, como uma medida de segurança nacional.

Mas a verdade é que a taxa de aumento da população, em termos restritos de expansão econômica, ameaça o desenvolvimento e gera os conflitos sociais decorrentes do pauperismo e da fome.

9. **As desigualdades internacionais: ricos e pobres.** — A tendência histórica nos derradeiros anos consiste em que se acentuem as desigualdades econômicas e tecnológicas entre os dois mundos antagônicos: os desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Acentua-se o *technological gap*, sobretudo com as futuras possibilidades industriais dos circuitos integrados, dos computadores-ordenadores e da eletrônica.

Como salienta o articulista Luiz Adolfo Pinheiro,

“o contraste entre a riqueza dos países industrializados e a pobreza e, muitas vezes, a miséria aguda dos subdesenvolvidos, talvez seja o fato mais grave dos tempos atuais.”

Como eliminar tal contraste, com suas tendências naturais a criar mais tensões, antes do que aliviá-las? O problema foi objeto da Conferência da ONU para o Desenvolvimento, que se realizou recentemente em Nova Delhi, na Índia.

O economista argentino Raul Prebisch, que dirigiu o secretariado da Conferência, e reputado mestre sobre problemas de desenvolvimento, sugeriu diversas maneiras de ajuda real aos países subdesenvolvidos.

Do exame teórico das medidas reais de ajuda, observa-se que várias medidas eficazes podem ser utilizadas, a saber:

- a) ajuda direta, com a destinação de auxílios para o desenvolvimento;
- b) redução das despesas militares;
- c) defesa das matérias-primas e dos minérios;
- d) ampliação da rede de exportação;
- e) ajuda multilateral de diversos tipos;
- f) mecanismo de defesa dos preços das matérias-primas e dos produtos semi-industrializados.

A primeira maneira de diminuição de tais disparidades seria a chamada **ajuda externa**, mediante a qual os países industrializados destinariam uma parte do seu PNB para esse fim. Mas o conceito de ajuda externa é um pouco contraditório e polêmico. Poderia processar-se como simples doação ou como empréstimo, mas a história dos empréstimos tem sido muito dolorosa para os países subdesenvolvidos e foi bem relatada em nosso ensaio **Capitais Estrangeiros e Dívida Externa do Brasil** (São Paulo, 1965).

Outra maneira seria a redução das despesas militares. O orçamento dos países tanto desenvolvidos quanto subdesenvolvidos, com o perigo da guerra e a sua preparação, é imenso, não só nos países do ocidente como nos países socialistas. O orçamento militar dos Estados Unidos é de 77 bilhões de dólares (1968), enquanto destinarão este ano 625 milhões de dólares à Aliança para o Progresso. Só de bombardeiros B-52, dispõem eles de 1.000 aeronaves, custando cada uma 10 milhões de dólares.

A respeito, escreve Bertrand Russel:

“Consideremos brevemente a natureza do poder dos Estados Unidos. Três mil e trezentas bases militares e esquadras de grande mobilidade, carregando mísseis e bombas nucleares, estão espalhadas por todo o nosso planeta para proteger a propriedade e o controle do capitalismo americano sobre sessenta por cento dos recursos mundiais. Sessenta por cento dos recursos do mundo são de propriedade dos dirigentes de seis por cento da população mundial. A agressividade desse império impõe à humanidade: uma despesa de 140 bilhões de dólares por ano ou 16 milhões de dólares por hora. A despesa atual com armamentos ultrapassa a renda total de todos os países desenvolvidos. Ultrapassa as exportações anuais de todas as mercadorias do mundo. Ultrapassa a renda nacional da África, da Ásia e da América Latina. O orçamento militar dos Estados Unidos é de, aproximadamente, sessenta bilhões de dólares por ano. Um projétil Atlas custa trinta milhões de dólares, o equivalente ao total de investimentos para uma fábrica de fertilizantes de nitrogênio com capacidade de produção de 70.000 toneladas por ano.

Levando estas considerações a termos do Reino Unido, para tomar como exemplo um país próspero: um projétil obsoleto equivale a quatro universidades, um TSR equivale a cinco hospitais modernos, um projétil disparável do solo vale por cinco tratores.”

A terceira maneira é a defesa das matérias-primas e dos minérios. Há uma tendência permanente à deterioração dos preços dos produtos agrícolas, das matérias-primas e dos minérios dos países subdesenvolvidos, com uma tendência anti-tética para o aumento dos preços dos produtos manufaturados e dos produtos agrícolas dos países desenvolvidos. Enquanto, por exemplo, no último decênio 1956-1965, no Brasil, esta nação quadruplicou o volume de suas exportações para receber quase o mesmo valor em dólares, já os grandes países produtores do trigo (Estados Unidos, URSS e Canadá) vigiam severamente a sua venda, e o novo Acordo Internacional do Trigo eleva em 20% os seus preços atuais, a vigorar desde junho de 1968. O mesmo acontece com os minérios e especialmente na atualidade com os minérios atômicos.

Um cálculo realizado pela Comissão Econômica das Nações Unidas para a Ásia e o Extremo Oriente mostrou que uma majoração de 5% sobre os preços médios de exportação dos países subdesenvolvidos equivaleria ao influxo anual dos capitais públicos e privados somados ainda às doações governamentais efetivadas em favor dos países subdesenvolvidos.

A defesa das matérias-primas é um dos principais pontos de fortalecimento dos países subdesenvolvidos. Os preços das exportações dos seus produtos primários flutuam com certa inconsistência, os seus preços frequentemente se deterioram.

Entre os anos de 1951-62, a América Latina viu a deterioração dos preços das suas matérias-primas em cerca de 12,3 bilhões de dólares. A ajuda oficial estrangeira e os investimentos internos não alcançaram 10 bilhões de dólares. Em contra-partida ainda houve a exportação dos lucros e as remessas dos royalties.

A Conferência da ONU para o Desenvolvimento que se realizou em Nova Delhi foi ainda outra vez um fracasso prático. As medidas teóricas se conhecem. A operacionalidade das mesmas é inaplicável. Os representantes dos países desenvolvidos afirmam francamente que não têm nenhuma culpa pela flutuação dos preços das matérias-primas. Os Estados Unidos também declaram que não assumem responsabilidades por tal deterioração dos preços. Mas o fato é insofismável.

Em suma, os países subdesenvolvidos devem ambicionar a estabilidade dos preços das matérias-primas (café, borracha, algodão, minérios etc.), que exportam, bem como ampliar a venda das suas manufaturas, através de incremento da industrialização, tarifas protecionistas para a sua indústria, câmbio controlado, criação de mercados regionais e outras medidas úteis. Através da ajuda multilateral de diversos tipos e das medidas de defesa dos preços das matérias-primas e dos seus produtos industrializados, as nações subdesenvolvidas poderão ter um maior sucesso na sua política nacional de desenvolvimento.

Enfim, é indispensável a ampliação da rede do comércio internacional. Os desenvolvidos mantêm os subdesenvolvidos em um autêntico "mercado cativo", em que a sua participação se torna cada dia menor.

Apenas 8 grandes nações controlam mais do que 50% do comércio internacional e tendem a ampliá-lo, fortalecendo ainda mais o mercado cativo. A estatística abaixo é ilustrativa:

Comércio Mundial — 1967

Exportação X Importação

Pais	Sobre o total Mundial
Estados Unidos	13,85%
Alemanha Ocidental	9,05%
Grã-Bretanha	7,40%
França	5,50%
Canadá	5,10%
Japão	5,10%
Itália	4,25%
União Soviética	4,15%

Mercados novos precisam ser abertos pelos subdesenvolvidos. Segundo o Banco Central (do Brasil), exportamos em 1967 para a URSS mercadorias no valor de 37 milhões de dólares (ainda pouco em relação ao quantum global) e importamos o equivalente em 19 milhões.

A ampliação da rede comercial e a abertura dos mercados novos é importante para o Terceiro Mundo.

10. **Fome e progresso: ainda os neo-malthusianos.** — Quando Malthus publicou, em fins do século XVIII, o seu conhecido livro intitulado "Um Ensaio sobre o Princípio da População e seus Efeitos sobre o Melhoramento Futuro da Sociedade" (1798), teve repercussão intensa sobre a política e a economia do seu tempo.

A teoria de Malthus, como se sabe, gira sobre a população. Ele mostra uma tendência para o aumento ilimitado da população, embora este aumento encontrasse duas categorias de obstáculos: os **repressive checks** e os **preventive checks**. Os obstáculos repressivos seriam as epidemias, as guerras, as inundações, os outros cataclismas sociais com efeitos dizimantes sobre as populações. Já os obstáculos preventivos consistiriam na abstenção de relações sexuais, seja no matrimônio seja com o casamento tardio, embora o economista e sociólogo inglês não aconselhasse o uso de remédios abortivos ou meios anticoncepcionais.

Para Malthus a população do mundo cresce numa progressão geométrica, cuja razão é de 2, mas os meios de subsistência numa progressão aritmética, cuja razão é 2. Segundo ele, a população de cada povo dobraria de 25 em 25 anos. Mas assim não acontece com a alimentação. O destino da humanidade seria trágico: morrer de fome se não fossem os obstáculos expostos pelo mesmo.

Posteriormente, a teoria de Malthus foi abalada em seus fundamentos, mas tornou-se prestigiada com os neo-malthusianos, como William Vogt, em seu livro **Caminho da Sobrevivência (Road to Survival)**.

Mas se observou a alta taxa demográfica dos países subdesenvolvidos. Alguns deles terão realmente a sua população duplicada em 25 anos. Os sociólogos do desenvolvimento emprestam hoje significado "relevante" à teoria dos malthusianos, como Gunnar Myrdall. Este declara: "Há uma realidade sinistra no problema da população" (op. cit., pág. 178).

Realmente, a produção mundial de alimentos cresceu nos últimos 5 anos em um pouco mais de 3%, um pouco mais do que o crescimento da população, que foi de 1,7% no período de 1958/1964. Mas a produção de alimentos, sobretudo, cresceu nos países desenvolvidos; em contrapartida, a fome, a pobreza e a penúria de alimentos imperam nos subdesenvolvidos.

Neste mundo de hoje, de fartura e abundância para uns, de pobreza e fome para outros, 35 milhões de pessoas morrem de fome anualmente e 500 milhões de crianças se encontram em um estado de fome crônica.

No período de 1934 a 1938 os subdesenvolvidos exportaram cerca de 11 milhões de toneladas de cereais, em 1966 muitos importaram 36 milhões. É conhecido o drama do trigo no Brasil.

A realidade sinistra do problema da população se evidencia e deve estar na mente dos desenvolvimentistas, a fim de não devorar o crescimento econômico, e pensada ainda em função da conquista dos espaços geográficos da comunidade, para que esta obtenha a sua completa integração.